HEIKE B. GÖRTEMAKER

Eva Braun

A vida com Hitler

Tradução
Luiz A. de Araújo

Companhia Das Letras

Copyright © 2010 by Verlag C. H. Beck oHG, Munique

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Eva Braun: Leben mit Hitler

Capa
Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Imagens de capa
Adolph Hitler, 1935, Nuremberg — Keystone/ Corbis (DC)/ LatinStock
Eva Braun — Gamma-Keystone via Getty Images

Preparação
Camila Boldrini

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Görtemaker, Heike B.
Eva Braun : a vida com Hitler / Heike B. Görtemaker ; tradução Luiz A. de Araújo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Eva Braun : Leben mit Hitler.
ISBN 978-85-359-1841-0

1. Braun, Eva, 1912-1945 – Biografia 2. Chefes de Estado – Alemanha – Biografia 3. Conjuges de chefes de Estado – Biografia 4. Hitler, Adolf, 1889-1945 5. Mulheres – Alemanha – 1900-1945 1. Título.

11-03101 CDD-920.72

Índice para catálogo sistemático:
1. Conjuges de chefes de Estado : Biografia 920.72

[2011]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Glossário de siglas e abreviações 7
Introdução 9

O ENCONTRO

1. O ateliê de Heinrich Hoffmann 18
2. Munique depois da Primeira Guerra Mundial 35
3. A família Braun 44
4. Com Hitler a caminho do poder 56

MUNDOS OPOSTOS

1. A mulher no nacional-socialismo 81
2. O mito do Führer ou o herr Hitler privado 123
3. A amante e o círculo íntimo 138
4. A vida no Obersalzberg 156

A QUEDA

1. Isolamento na guerra 237

2. O 20 de Julho de 1944 e suas consequências 269
3. A decisão por Berlim 280
4. Além da morte 300

Considerações finais 305

ANEXOS

Notas 311
Fontes e bibliografia 389
Créditos das imagens 397
Índice remissivo 399

Glossário de siglas e abreviações

BVP: Bayerische Volkspartei (Partido Popular Bávaro)
CIC: Counter Intelligence Corps (Batalhão de Contrainteligência)
DAF: Deutsche Arbeitsfront (Frente Alemã do Trabalho)
DAP: Deutsche Arbeiterpartei (Partido dos Trabalhadores Alemães)
DAZ: *Deutsche Allgemeine Zeitung*
DNVP: Deutschnationale Volkspartei (Partido Popular Nacional Alemão)
DVP: Deutsche Volkspartei (Partido Popular Alemão)
Gestapo: Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado)
KdF: Kraft durch Freude (Força pela Alegria)
KPD: Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista da Alemanha)
NSDAP: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães)
NSKK: Nationalsozialistischen Kraftfahrkorps (Corpo Automotivo Nacional-Socialista)
OSS: Office of Strategic Services (Agência Americana de Serviços Estratégicos)
SA: Sturmabteilung (Tropa de Choque do NSDAP)
SMERSCH: (Departamento russo de contraespionagem)
SPD: Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata Alemão)
SS: Schutzstaffel (Organização paramilitar nazista)

O ENCONTRO

No dia 30 de abril de 1945, por volta das 14h30, Erich Kempka, motorista de Adolf Hitler desde 1932, recebe um telefonema na garagem do porão da Chancelaria do Reich, em Berlim: que providencie cerca de duzentos litros de gasolina e os leve à entrada do bunker do Führer, no jardim da Chancelaria. Tudo o mais lhe será informado lá. Quando Kempka chega com vários homens que carregam as latas de gasolina, o major da ss Otto Günsche lhe comunica que o Führer morreu. Günsche tem ordem de carbonizá-lo imediatamente, pois Hitler não queria "ser exposto em um gabinete de curiosidades russo". Ambos entram no bunker, onde Martin Bormann entrega a Kempka o cadáver de Eva Braun, cujo vestido escuro apresenta umidade na região do coração. Com ela nos braços, Kempka sobe a escada que leva à saída. A sua frente vão o empregado Heinz Linge e o médico Ludwig Stumpfegger com o cadáver de Hitler. Atrás seguem Günsche, Bormann e Joseph Goebbels. Pouco depois das três horas, eles estendem os cadáveres lado a lado na areia do chão, neles entornam cinco latas de gasolina e ateiam fogo. Diante dos cadáveres em chamas, os

homens se alinham à entrada do bunker e erguem o braço numa derradeira saudação nazista. Quando o terreno é atingido por granadas de artilharia, todos se apressam a buscar a proteção do bunker.[1]

1. O ATELIÊ DE HEINRICH HOFFMANN

Quase dezesseis anos antes, em outubro de 1929, Hitler e Eva Braun se encontraram pela primeira vez no ateliê de Heinrich Hoffmann. Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, ele era um conhecido fotógrafo da imprensa de Munique, retratista e editor, além de convicto nacional-socialista de primeira hora. Tinha um ateliê na Amalienstraße, 25, nas imediações da Odeonsplatz, no centro da cidade, chamado Photohaus Hoffmann, fornecedor de fotografias à *Münchner Illustrierte Presse*, bem como a agências nacionais e estrangeiras. Hoffmann, cujo pai também tinha sido fotógrafo e, segundo se dizia, obrigara o filho único a seguir-lhe os passos, possuía empresa própria em Munique desde 1909.[1] Antes mesmo de 1914, granjeara renome, inclusive no meio artístico, com um serviço fotográfico — o Photobericht Hoffmann — e também com retratos. Mas a prosperidade nos negócios, ele a devia ao NSDAP, o incipiente movimento de extrema direita nacionalista, a serviço do qual colocou seu trabalho após a Primeira Guerra Mundial, que ele havia passado na frente francesa na qualidade de "miliciano de reserva" em uma unidade de substituição de aviadores.[2]

O fotógrafo oficial do NSDAP

É impossível determinar com precisão quando e em que circunstâncias Hoffmann conheceu Hitler. Posteriormente, sua fi-

lha Henriette von Schirach afirmou que o pai entrara em contato com o líder nazista por intermédio do poeta Dietrich Eckart. Hoffmann, no entanto, declarou em suas memórias que motivos estritamente profissionais o haviam levado a conhecer o futuro ditador: em 30 de outubro de 1922, uma agência fotográfica norte-americana teria lhe oferecido cem dólares por um retrato de Hitler.[3] Na época, acrescentou Hoffmann em 1947, "a imprensa americana" estava disposta a pagar "uma elevada soma pela primeira fotografia de Hitler". Decidido a receber esse dinheiro "fosse como fosse", ele tratou de arranjar um encontro aparentemente casual, propondo a Hermann Esser, um bom amigo do líder extremista e que estava de casamento marcado, que o jantar nupcial se realizasse em sua casa — de Hoffmann —, para que ele tivesse a oportunidade de conhecer Hitler, um dos padrinhos.[4]

O fato é que, no dia 6 de abril de 1920 — ou seja, seis meses depois de Hitler —, Hoffmann se filiou ao Deutsche Arbeiterpartei [Partido dos Trabalhadores Alemães] (DAP), fundado por Anton Drexler em Munique em janeiro do ano anterior, e que havia pouco passara a se chamar Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (NSDAP). Hoffmann começou a editar a revista semanal *Auf gut deutsch*, publicada pelo escritor nacionalista radical e antissemita Dietrich Eckart, amigo paternal e mentor de Hitler, na qual o poeta frustrado se servia do slogan "Desperta, Alemanha" para atacar violentamente a República de Weimar, o bolchevismo e o judaísmo.[5] Tudo indica que Hoffmann primeiramente fizera amigos no grupo que compartilhava sua visão de mundo — do qual participavam Eckart, Hitler e o jornalista Hermann Esser — e só depois passara a prestar diversos serviços ao NSDAP e, especialmente, a Hitler, seu mais agressivo "agitador de cervejaria" e presidente (desde 29 de julho de 1921).[6] Mesmo porque, apesar dos insistentes pedidos, Hoffmann inicialmente respeitou o desejo de Hitler de não se deixar fotografar. Só após o fracassado putsch

de 9 de novembro de 1923, que alavancou a popularidade do futuro líder em âmbito nacional e o levou à prisão, foi que Hoffmann tirou e distribuiu retratos dele. No ano seguinte, publicou com essas fotos uma brochura ilustrada sob o título *Deutschlands Erwachen in Wort und Bild* [O despertar da Alemanha em palavras e imagens]. Em 1926, o incansável Hoffmann fundou, ao lado de Hitler e do amigo comum Hermann Esser — o primeiro responsável pela propaganda do NSDAP —, o fartamente ilustrado semanário oficial do partido, o *Illustrierter Beobachter*. No mesmo ano, por sugestão de Hoffmann, o *Völkische Beobachter* publicou fotografias pela primeira vez: obviamente reveladas em seu ateliê.

O NSDAP, assim, estava à altura das inovações técnicas da época. Ainda pouco tempo antes, era comum o uso de gravuras em metal ou desenhos na ilustração de artigos de jornal. Mesmo o *New York Times* só passou a publicar fotografias regularmente a partir de 1922. O sucesso do fotojornalismo, viabilizado pelo desenvolvimento da câmera de 35 milímetros em 1925, estava apenas começando.[7] Ao contrário dos Estados Unidos, e também da Inglaterra ou da França, países em que o diário britânico *The Daily Mirror* e o francês *Illustration* haviam estabelecido, desde 1907, um serviço fototelegráfico entre Londres e Paris, a impressão de fotografias propagou-se vagarosamente nos matutinos alemães.[8]

Entre as fotos publicadas por Hoffmann no *Völkische Beobachter*, figurava uma série que mostrava Hitler na primeira convenção nacional do NSDAP após sua refundação em Weimar em 4 de julho de 1926, saudando pela primeira vez com o braço estendido os milhares de partidários que desfilavam diante dele.[9] Com iniciativa e habilidade fotográfica, já na fase inicial da ascensão do partido, Hoffmann se apoiou no poder da fotografia — e no presidente da sigla, que, então, estava longe de ser uma unanimidade. E não tardou a se tornar indispensável para Hitler e sua campanha propagandística dirigida tanto para fora como contra os ri-

vais no próprio partido. Ele passou a ser o "fotógrafo pessoal" de Hitler.[10] Dali por diante, era quase impossível encontrar o dirigente do NSDAP sem que Hoffmann estivesse por perto. Fosse nas viagens, fosse nas campanhas eleitorais, fosse no almoço no restaurante preferido de Hitler em Munique, Hoffmann estava sempre presente.

No entanto, a decisão de aderir profissionalmente a Hitler e ao NSDAP só rendeu dividendos nos anos subsequentes. Em 1929, as iminentes eleições estaduais e comícios que reuniam multidões proporcionaram cada vez mais encomendas à empresa de Hoffmann. A isso se acrescentaram os quatro dias da convenção nacional do NSDAP em Nuremberg, de 1º a 4 de agosto, com um desfile espetacular de 60 mil membros da SA e da SS, assim como, em 26 de outubro, a presença de Hitler e de Alfred Hugenberg, o magnata da imprensa e presidente do Deutschnationale Volkspartei [Partido Popular Nacional Alemão] (DNVP), no Münchner Zirkus Krone para reivindicar um referendo contra o Plano Young [de pagamento das reparações de Versalhes]. Além disso, naquele mesmo ano, o NSDAP registrou seu primeiro sucesso eleitoral. Se as eleições do Reichstag de 20 de maio de 1928 deram a impressão de que os nacional-socialistas voltavam a soçobrar na insignificância com os parcos 2,6% dos votos recebidos, as eleições estaduais e comunais de 1929 mostraram uma clara tendência ascendente.[11] Tendo como pano de fundo a crise econômica mundial e o aumento do número de desempregados para 3,32 milhões, o NSDAP obteve mandatos não só na Saxônia como em Baden e na Baviera. Inclusive na Turíngia sua porcentagem de votos subiu de 4,6% para 11,3%.

Diante de tais cifras, não admira que Hoffmann, então com 44 anos, tenha expandido sua empresa justamente no outono de 1929, ou seja, bem no início da crise econômica mundial. Acabou lucrando tanto com o aumento das encomendas do NSDAP como com as solicitações do próprio Hitler. À parte isso, as agências fo-

tográficas eram procuradas à medida que cada vez mais jornais ilustravam as reportagens com fotografias. Assim, a demanda de fotos atuais do mundo todo aumentava incessantemente. A pequena oficina artesanal de Hoffmann, escondida em um quintal da Schellingstraße, 50, transformou-se em uma próspera empresa que, quando se mudou para o número 25 da Amalienstraße em setembro de 1929, passou a figurar como "NSDAP-Photohaus Hoffmann". Pouco depois da reinauguração, novos empregados foram admitidos. Entre eles, uma mocinha de dezessete anos chamada Eva Braun.[12]

Herr *Wolf*

Ao que parece, Eva Braun geralmente trabalhava atrás do balcão na Photohaus Hoffmann. Todavia, são contraditórios os dados sobre o que fazia de fato. Henriette von Schirach, que deveria saber, pois era filha de Hoffmann e tinha a idade de Eva Braun, de quem era amiga, afirmou num trecho de suas memórias que Braun era "aprendiz no laboratório fotográfico", mas depois, em outra passagem, observou que ela vendia "rolos de filme".[13] O fato é que as duas informações procedem. Eva Braun, conforme depois declarou Heinrich Hoffmann, tinha sido "auxiliar comercial iniciante" e trabalhara "no escritório, em vendas e também no laboratório". A partir de 1933, quando estava "mais tarimbada" no ramo, passou a se ocupar exclusivamente "de fotografia".[14]

Na época, a profissão de fotógrafo, considerada jovem e moderna, já era prestigiada e cobiçada; muitas mulheres se sentiam atraídas pela ideia de serem fotógrafas de moda ou retratistas. Eva Braun também se interessava por moda. Mas, por ora, no ateliê de Hoffmann, convinha aprender a lidar com a câmera e a revelar fotografias. Desde o começo, fazia parte de suas tarefas prestar pequenos serviços ao patrão e a seus clientes e trabalhar em vendas.

Enfim, além das fotos para a imprensa, a emergente atividade de fotógrafo amador se abria para um mercado em constante expansão. De modo que a Photohaus Hoffmann começou a oferecer não só a execução de trabalhos fotográficos como também o equipamento necessário ao fotógrafo, agora mais fácil de manejar. Além disso, vendia fotos e pôsteres de produção própria, de cuja comercialização Eva Braun também era encarregada, recordou Baldur von Schirach, genro de Heinrich Hoffmann e futuro dirigente da Juventude do Reich do NSDAP.[15] Entre os temas prediletos de Hoffman, incluíam-se os correligionários do NSDAP, mas principalmente retratos de seu presidente, Adolf Hitler.

Eva Braun conheceu Hitler, provavelmente, em outubro de 1929, poucas semanas depois de ter ingressado na atividade.[16] Ao que parece, nesse dia, estava fazendo hora extra para pôr a papelada em ordem quando Hoffmann lhe apresentou um tal "*Herr* Wolf" e, a seguir, pediu-lhe que fosse ao restaurante vizinho buscar cerveja e *leberkäse** para ele e os recém-chegados. Durante a refeição que se seguiu, o desconhecido parecia querer "comê-la com os olhos" e, depois, se propôs a "levá-la para casa em sua Mercedes", oferta que ela declinou. Por fim, antes de sair do ateliê, o patrão de Eva lhe perguntou: "Então você não adivinhou quem é esse *Herr* Wolf? Será que não enxerga as fotografias?". E, ante a resposta negativa, ele revelou: "Pois é Hitler, o nosso Adolf Hitler".[17]

Tal relato se acha na primeira biografia de Eva Braun, publicada em 1968 pelo jornalista turco-americano Nerin Emrullah Gün. Segundo ele, Eva Braun comentou com uma de suas irmãs — provavelmente Ilse, a mais velha — esse encontro com Hitler, ocorrido na primeira ou na segunda sexta-feira de outubro de 1929, ou seja, no dia 4 ou 11 desse mês. Mas qual é a credibilidade de Gün, cuja obra até hoje excessivamente citada dá a impressão

* Espécie de bolo de carne, tipicamente bávaro. (N. E.)

de ter sido ditada pela própria Eva Braun? Onde ele obteve tais informações e em que circunstâncias? E como avaliar sua personalidade tão ambígua?

Durante a Segunda Guerra Mundial, Gün trabalhou na assessoria de imprensa da embaixada turca em Budapeste. Pouco antes do fim do conflito, em 12 de abril de 1945, por ordem da Geheime Staatspolizei, a Gestapo, que o acusava de hostilidade contra a Alemanha, foi preso e internado no campo de concentração de Dachau. Duas semanas depois, no dia 29 de abril de 1945, o Sétimo Exército norte-americano o libertou juntamente com os outros detentos. Depois disso, Gün, que para simplificar passara a atender por Gun, morou nos Estados Unidos e, mais tarde, escreveu um livro sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy. Parece que essa obra levou a CIA a suspeitar que ele, na qualidade de militante do partido comunista, tivera envolvimento com o assassinato, além de haver espionado e falsificado documentos na Europa.[18]

Na metade da década de 1960, Gun esteve na República Federal da Alemanha quando do aniversário da libertação do campo de concentração de Dachau pelos Aliados. Nessa ocasião, providenciou encontros com a família de Eva Braun e com outros membros do antigo círculo íntimo de Hitler. Visitou Franziska Braun, a mãe de Eva, em sua casa em Ruhpolding, Baviera. Além disso, entrevistou as irmãs Ilse e Gretl, assim como Herta Schneider, a melhor amiga de Eva. Teve acesso a fotografias e cartas privadas da biografada, as quais foram publicadas pela primeira vez em seu livro. No entanto, faltam dados exatos sobre a origem das informações apresentadas, a transição entre os casos inventados e os relatos factuais das testemunhas entrevistadas é vaga e incompreensível para o leitor. Ilse Heß, a mulher de Rudolf Heß, contou em uma carta a Albert Speer datada de 25 de junho de 1968 que Gun, "o autor de um livro sobre Everl", havia passado "semanas"

hospedado em sua casa em Hindelang, já que agora pretendia escrever uma biografia de seu marido; arremedando a expressão predileta do jornalista, ela o chamou de "Mr. I pay all".[19] A observação denotava pouco respeito, pois era evidente que Gun possuía escasso conhecimento prévio e Ilse Heß não levava sua pretensão a sério. É de presumir que, um ano antes, quando estava pesquisando para o livro sobre Eva Braun, ele tenha se hospedado na casa da família Braun. Todavia não há evidência disso.

Portanto, não se sabe ao certo em que circunstâncias ocorreu o primeiro encontro de Eva Braun com Hitler, ainda que a história possa corresponder à descrição de Gun. Igualmente nebuloso é o motivo que teria levado Hoffmann a apresentar o ilustre correligionário a sua nova aprendiz pelo pseudônimo "Wolf", o qual, aliás, fazia tempo que Hitler usava, sobretudo nas viagens.[20] É possível que tenha sido para evitar que a moça reagisse com nervosismo ou mesmo histeria. O que decerto ninguém pôde evitar foi a espontânea atração que um sentiu pelo outro. Dali por diante, a cada visita ao ateliê, o quarentão Hitler prodigalizava elogios e presentinhos à jovem de dezessete anos.

Para Hitler era fácil fazer tais visitas. Afinal, a Photohaus Hoffmann, na esquina da Amalienstraße com a Theresienstraße, ficava bem em cima do Café Stefanie, local muito frequentado pelo dirigente do NSDAP e que, até a Primeira Guerra Mundial, tinha sido o ponto de encontro da boemia sueva e contava entre seus clientes Heinrich Mann, Erich Mühsam, Eduad Graf von Keyserling e Paul Klee. A sede nacional do partido situava-se em uma rua transversal próxima, a Schellingstraße, 50, onde, a poucas casas de distância, estavam instaladas a redação e a gráfica do *Völkische Beobachter*. Anteriormente, Schellingstraße, 50, era o endereço residencial de Heinrich Hoffmann e sua família. O "ateliê" Hoffmann ficava bem ao lado. Lá ele fotografou Hitler, Göring e outros figurões do partido.[21] Na Schellingstraße também ficava a

Osteria Bavaria, o mais antigo restaurante italiano de Munique (que ainda existe e se chama Osteria Italiana), muito frequentado por Hitler e seus companheiros de partido. Assim Henriette von Schirach descreveu o estabelecimento: uma "casa de vinho pequena e fresca, com um patiozinho pintado de vermelho pompeiano e decorado com ladrilhos e mosaicos romanos, e com um 'templo', isto é, um nicho com duas colunas na frente", geralmente reservado para Hitler. Todavia, sua futura secretária, Traudl Junge, observou que o lugar permanente do líder nazista era a "desconfortável mesa de canto no fundo".[22]

Parece que Hitler raramente comia sozinho. Entre seus acompanhantes mais assíduos desde os anos 1920, achavam-se não só Heinrich Hoffmann como também o teuto-americano Ernst F. Sedgwick Hanfstaengl,[23] que em 1931 foi nomeado chefe do departamento de imprensa estrangeira do NSDAP. Irmão caçula do editor de arte Edgar Hanfstaengl, que em 1907 assumiu a direção da empresa da família, a Kunstverlag Franz Hanfstaengl, foi até o fim da Primeira Guerra Mundial diretor da filial nova-iorquina da editora; depois retornou a Munique. Da antiga turma de Hitler na capital da Baviera, ainda participavam Adolf Wagner, o poderoso gauleiter* de Munique-Alta Baviera — apelidado o "Déspota de Munique" —, o assistente pessoal de Hitler Julius Schaub, Christian Weber, um "barrigudo ex-comerciante de cavalos" e, segundo Joachim Fest, amigo íntimo, além de Hermann Esser, um dos fundadores do NSDAP, que Goebbels chamava de "pequeno Hitler". A eles se somavam o jovem Martin Bormann, militante do NSDAP desde 1927, Otto Dietrich, porta-voz do partido, o Oberstgruppenführer da SS Joseph (Sepp) Dietrich, Max Amann e Wilhelm Brückner, também membro da SS e, a partir de 1930, ajudante de ordens de Hitler.[24]

* Na estrutura do NSDAP, o chefe distrital ou local do partido. (N. T.)